



UM EXPERTO EM AMAZÔNIA? O VISCONDE DE BALSEMÃO E A REPRESENTAÇÃO DA AMAZÔNIA PORTUGUESA NO MAPA “COLOMBIA PRIMA OR SOUTH AMERICA”.

AN EXPERT IN THE AMAZON? THE VISCOUNT OF BALSEMÃO AND THE REPRESENTATION OF THE PORTUGUESE AMAZON ON THE MAP “COLOMBIA PRIMA OR SOUTH AMERICA”

Carmem Rodrigues¹

Resumo

De acordo com a historiadora colombiana Lina Del Castillo, o geógrafo inglês William Faden utilizou a expertise de oficiais portugueses na região amazônica para construir o seu grande mapa da América do Sul, intitulado Colombia Prima or South America, publicado em 1807. Neste artigo, analisamos quem eram os oficiais portugueses que o auxiliaram e, examinando a trajetória desses homens, procuramos verificar como eles contribuíram para a construção cartográfica da Amazônia.

Palavras chaves: História dos Mapas; Amazônia; Visconde de Balsemão

Abstract

According to Colombian historian Lina Del Castillo, the English geographer William Faden used the expertise of Portuguese officials in the Amazon region to build his large map of South America, entitled Colombia Prima or South America, published in 1807. In this article, we analyze who were these Portuguese officers that helped Faden and, examining the trajectory of these men, we tried to verify how they contributed to the cartographic construction of the Amazon on Colombia Prima.

Keywords: Map History; Amazon; Viscount of Balsemão.

¹ Doutoranda em História da Cartografia, linha de pesquisa Ciência e Cultura na História (UFMG/CAPES). Mestre em História Social da Cultura (UFMG) e graduada em História (UFMG) e Filosofia (PUC Minas). Desenvolve pesquisas especialmente na área de História da Cartografia.

Introdução

No artigo “Cartography in the Production (and Silencing) of Colombian Independence History, 1807-1827”, publicado no livro *Decolonizing the Map: Cartography from Colony to Nation*,² a historiadora Lina Del Castillo analisa a história da independência colombiana a partir de dois mapas; o *Colombia Prima or South America*, publicado por William Faden (1749-1836), em 1807; e o *Carta de la República de Colombia*, de José Manuel Restrepo (1781-1863), publicado em 1827. Cada um, com suas peculiaridades técnicas, geográficas e históricas, cumpriu um determinado papel no projeto independentista colombiano. Para desvendar essas especificidades, Castillo os investigou a partir de três momentos: o período de coleta de dados, o momento da publicação e, por último, o da circulação. Dessa forma, trouxe à tona as diferentes redes transatlânticas, políticas e sociais que estavam relacionadas a esses mapas.

Nesse sentido, a *Carta de La República de Colombia* é um recorte dos territórios da Capitania Geral da Venezuela e do Vice-Reinado da Nova Granada, e tinha como principal objetivo “convencer a comunidade nacional e internacional sobre a existência independente da Colômbia”.³ O mapa *Colombia Prima* é uma complexa representação da América do Sul, que se “junta a outros esforços cartográficos que desejavam colocar os anseios imperiais da Grã-Bretanha à frente das requisições territoriais da América espanhola.”⁴

² CASTILLO, Lina Del. Cartography in the Production (and Silencing) of Colombian Independence History, 1807-1827. In: AKERMAN, James R. (Org.) *Decolonizing the Map: Cartography from Colony to Nation*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2017, p.110-159.

³ CASTILLO, Lina Del. *Cartography in the Production (and Silencing) of Colombian Independence History, 1807-1827*, p.111.

⁴ CASTILLO, Lina Del. *Cartography in the Production (and Silencing) of Colombian Independence History, 1807-1827*, p.114.





Mapa 1: DELAROCLETTE, L S. D'Arcy. *Colombia Prima or South America*: in which it has been attempted to delineate the extent of our knowledge of that continent: extracted chiefly from the original manuscript maps of his excellency the late chevalier Pinto, likewise from those of João Joaquim da Rocha, João da Costa Ferreira, El Padre Francisco Manuel Sobrevida ec.and from the most authentic edited accounts of those countries. London: William Faden, 1807. 1 mapa em 8 folhas, f. 63 x85cm, dobradas em 21,5 x 16cm em caixa 22,5 x 18 cm. (BN) Biblioteca Nacional do Brasil.

Como um mapa do tipo geográfico,⁵ *Colombia Prima* possui um cartucho que revela sua natureza composta. Nele, William Faden identificou os especialistas e os mapas que foram essenciais para a construção da sua obra. Além de reconhecer a contribuição do geógrafo Louis Stanislas D'Arcy De La Rochette (1731-1802), o cartucho enumera a contribuição de alguns portugueses, como: “Sua Excelência o falecido Chevalier Pinto” e os cartógrafos João Joaquim da Rocha e João da Costa Ferreira, que forneceram manuscritos originais, documentos geográficos e mapas. Segundo Castillo, todos esses eram “oficiais portugueses com expertise na região amazônica.”⁶ Mas quem eram esses homens? Que ligações eles tinham com a Amazônia? O próprio mapa nos fornece importantes informações.

⁵ Definição feita de acordo com os modos de mapear (modes of mapping) de M. Edney. “Coarser resolution mapping of spaces that are beyond the ability of one individual to observe and delineate: Geographical – The terraqueous globe of the earth (*ge*) and its regions, including much special-purpose mapping.” EDNEY, Matthew. *Cartography: the ideal and its history*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2019, p.33. Além disso, esse modo tem outra característica relevante que se encaixa no *Colombia Prima*: “geographical maps are *never* stand-alone works but are fully integrated into arrays of other written and graphic texts. Indeed, this is why I call geographical maps ‘geographical’, because they are just one of a set of representational strategies that have been deployed to collect, organize, and communicate knowledge of the wider world. Geographical maps are not read in isolation. Hubbard only made explicit what is implicit in other geographical writing, that readers are expected to move from map to narrative and back again so that maps blur semiotically with the written word. Where does the map end?” EDNEY, Matthew. *Cartography*, 2019, p.37.

⁶ CASTILLO, Lina Del. *Cartography in the Production (and Silencing) of Colombian Independence History, 1807-1827*, p.120.



As explicações que estão logo abaixo do cartucho apresentam João Joaquim da Rocha e João da Costa Ferreira como dois cartógrafos que foram de grande valia para elucidar as lacunas sobre o mapeamento do interior do Brasil. Ou seja, Faden não teve contato direto com esses homens, mas com as cartas produzidas por eles. De João da Costa Ferreira (1750-1822), engenheiro militar português que trabalhou no Brasil no final do século XVIII, o editor inglês utilizou uma carta topográfica da costa da Capitania de São Paulo, levantada entre 1799 e 1800, feita sob os comandos do Almirante John Campbell (1720-1790). Tudo indica ser *A New Chart of COAST OF BRAZIL from the Parallel 23°40' to 26° South Latitude Containing the Capitania de San Paulo from BARRA DE SANTOS TO GUARATUBA*.⁷ Também teve acesso aos mapas feitos pelo engenheiro militar português José Joaquim da Rocha (1740-1804), como o Mapa da America Portuguesa, da Capitania do Rio de Janeiro, da Ilha de Santa Catarina e da Capitania de Minas Gerais, incluindo os das suas comarcas.⁸ A grafia de seu nome, José, foi publicada de forma equivocada por Faden, ou seja, como João.



Mapa 2: ROCHA, José Joaquim da. *Mapa da Capitania de Minas Geraes*. 1777, 89,2 x 34,5. BN.

O outro português citado, “Chevalier Pinto”, era Luís Pinto de Sousa Coutinho, o Visconde de Balsemão (1735-1804). Diferentemente dos outros dois, Balsemão não era cartógrafo, mas um personagem de destaque da Corte portuguesa, com quem o editor

⁷ Com 66 x 90 cm trata-se um levantamento detalhado da costa da Capitania de São Paulo, com cinco inserções 1) Barra de Canea; 2) Barra de Santos; 3) Barra da Mar Pequeno de Iguape 4) Barra de Guaratuba 5) Plano da Baía do Paranaguá. A carta contém linhas costeiras, hidrografia, ancoradouros, topografia, assentamentos, edifícios, fortificações e observações; com latitude e longitude indicadas; e marcação de bússola em 32 pontos de interesse. “Pesquisado sob a direção do falecido almirante [John] Campbell. LONDRES: Publicado por William Faden, geógrafo de Sua Majestade e Sua Alteza Real, o Príncipe de Gales, Charing Cross, Londres, 1º de janeiro de 1807”. Foram encontradas três cópias desse mapa, uma no The National Archives (TNA), duas versões no United Kingdom Hydrographic Office Archive (UKHO) em Londres e outra na Mapoteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no Rio de Janeiro (IHGB).

⁸ Lista completa dos mapas de José Joaquim da Rocha na Bibliografia.



inglês parece ter mantido uma profícua relação.⁹ O seu papel no desenvolvimento de *Colombia Prima* pode ter sido crucial, pois Faden o identificou como o mentor e o principal fornecedor de material cartográfico e geográfico sobre o Brasil.

His Excellency Chevalier Pinto

Luís Pinto de Sousa Coutinho nasceu em 27 de novembro de 1735, em Leomil, Portugal, e formou-se segundo a educação tradicional da fidalguia.¹⁰ Após concluir os estudos, optou pela carreira militar, onde se destacou ao ponto de ser nomeado Governador e Capitão General da Capitania do Mato Grosso e Cuiabá em 1767.¹¹

Criada em 1748, a Capitania do Mato Grosso e Cuiabá era uma das “mais extensas pelo território, e uma das mais diminutas pela povoação”.¹² A leste fazia fronteira com a Capitania de Goiás, no sudeste com São Paulo, pelo sul com a Província de Chiquitos e a oeste com as Missões de Moxos. Ao norte suas fronteiras iam até as Capitânicas do Pará e do Rio Negro. Um imenso território que hoje corresponderia, a grosso modo, aos estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.



Mapa 3: Localização da Capitania do Mato Grosso com destaque para as missões, povoações e fortificações do vale do rio Guaporé, na segunda metade do século XVIII. CARVALHO, Francismar. *Lealdades Negociadas: povos indígenas e a expansão dos impérios ibéricos nas regiões centrais da América do Sul (Segunda metade do Século XVIII)*. Tese. São Paulo: USP, 2012, p.12.

A colonização do Mato Grosso representou um considerável avanço dos domínios portugueses na América e salvaguardar essa conquista era uma das principais preocupações da Coroa, especialmente por causa dos descobertos auríferos e

⁹ ALMEIDA, André F. O Mapa Geográfico de América Meridional, de Juan de La Cruz Cano y Olmedilla. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, N. Sér. v.17, n.2, p.79-89, jul.-dez., 2009b, p.87.

¹⁰ FURTADO, Junia F. e MONTEIRO, Nuno G. Raynal and the defence of the Portuguese colonization of Brazil: diplomacy and the Memoirs of the Visconde de Balsemão. *Análise Social*, liv (1.º), 2019 (n.º 230), pp. 4-33, p.7

¹¹ (AHU)Arquivo Histórico Ultramarino-(ACL)Administração Central-(CU)Conselho Ultramarino-010, (CX)Caixa13, (DOC)Documento801.

¹² AHU-ACL-CU-010, CX 15, DOC 927



diamantíferos, e da situação fluvial estratégica da Capitania. As minas da região do rio Guaporé, por exemplo, ficavam em situação delicada por sua proximidade das missões espanholas de Moxos e Chiquitos. Além disso, pela bacia do rio era possível acessar a região Norte, como as Capitanias do Rio Negro e do Grão-Pará, através de suas ligações com os rios amazônicos (Mamoré e Madeira) e a região centro-sul, as Capitanias de São Paulo e do Rio Grande, por meio dos rios latinos (Paraguai e Paraná).

Assim como seus antecessores, Luís Pinto foi especialmente instruído para cuidar do conhecimento geográfico e mapeamento da Capitania, isto é, com foco nas questões fronteiriças e nas ligações fluviais. Em outras palavras, um trabalho que começou a desempenhar assim que desembarcou no Brasil. Para chegar a Vila Bela da Santíssima Trindade, capital da Capitania e tomar posse do cargo, optou por fazer a rota amazônica, ou seja, o caminho fluvial que ligava as Capitanias do norte às Capitanias do centro-oeste do Brasil. Esse caminho era feito através dos rios Amazonas, Madeira, Mamoré e Guaporé, uma verdadeira epopeia aquática, com quase 600 léguas de percurso,¹³ que podia demorar mais de 12 meses para ser concluída.¹⁴

O caminho fluvial amazônico era objeto de preocupação das autoridades portuguesas desde os primórdios da exploração do Mato Grosso. O grande temor era que a abertura dessa rota provocasse o despovoamento do Grão-Pará e facilitasse o contrabando do ouro. Porém, a exploração feita por conta própria pelos sertanistas acabou por convencer a Coroa da importância geopolítica de dominar o rio Madeira, pois somente dessa forma seria possível consolidar a expansão para o oeste da América portuguesa. Por fim, em 23 de outubro de 1752, a navegação da rota do Madeira foi autorizada. “Pouco tempo depois, em 14 de novembro de 1752, o rei enviava uma provisão aos governadores do Mato Grosso e do Estado do Grão-Pará e Maranhão, informando-os da decisão de permitir a navegação e comércio ao longo dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé.”¹⁵ Todavia, o objetivo principal não era abrir uma nova rota comercial, o que dava uma

¹³ Cerca de 2.896km

¹⁴ Dois exemplos mostram as dificuldades e o tempo que essa expedição demandava. A Escolta Real comandada por Luís Fagundes Machado, em 1749, demorou “nove meses de viagem” para chegar ao Mato Grosso. “O regresso foi mais rápido, tendo partido em setembro de 1750, chegaram a Belém três meses depois.” ALMEIDA, André F. A viagem de José Gonçalves da Fonseca e a cartografia do Madeira. (1749-1752). *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.17. n.2, p.215-235, jul.-dez. 2009^a, p.221. O Governador João Pedro da Câmara Coutinho, antecessor de Balsemão, demorou mais de um ano para completar a viagem. Primeiro esperou por oito meses no Pará pela chegada da Monção e a finalização dos preparativos de sua viagem, depois ainda gastou sete meses e dezessete dias no caminho propriamente dito. AHU-MATO GROSSO, cx. 12, doc. 28. AHU_CU_010, Cx. 12, D. 736

¹⁵ ALMEIDA, André F. A viagem de José Gonçalves da Fonseca e a cartografia do Madeira. (1749-1752). *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.17. n.2, p.215-235, jul.-dez. 2009^a, p.233.



alternativa ao caminho das monções do sul,¹⁶ mas consolidar uma posição estratégica de defesa da fronteira do extremo-oeste brasileiro.

A viagem pode ser parcialmente conhecida através das cartas que Luís Pinto escreveu para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1700-1779). Ao todo demorou cerca de seis meses para completar o trajeto desde a Vila de Belém até Vila Bela, com uma comitiva de 40 pessoas.¹⁷ Somente da boca do Madeira até o Forte de Nossa Senhora da Conceição¹⁸ percorreu 270 léguas,¹⁹ no trecho que considerou o mais difícil, pelas imensas dificuldades que as cachoeiras do Madeira interpunham.

Ao longo do percurso, concentrou-se em fazer observações “a respeito das latitudes dos lugares, da direção geral dos mesmos rios, e enfim, da situação, produções, e mais vantagens do país”.²⁰ Apresentou as medições de latitudes e longitudes do encontro do rio Madeira com o Amazonas, da boca do rio Javari; da primeira cachoeira do Madeira; da povoação que mandou edificar na sexta cachoeira do Madeira (Balsemão); da confluência do rio Madeira com o Mamoré, e do encontro desse com o Guaporé.

Ademais, convém esclarecer que esses eram pontos ainda obscuros e foco de intensas disputas fronteiriças. Especialmente o eixo Madeira-Mamoré que era “inteiramente desconhecido, assim como a todos os geógrafos”, pois segundo Luís Pinto, mesmo os mapas dos padres jesuítas e franciscanos eram cheios de “incoerências e erros”, de tal forma que “o rio Madeira se acha confundido com o Mamoré, no grande Mapa da Província de Quito e dedicado no ano de 1761 ao seu geral Visconde. (...) Esta mesma confusão se foi espalhando por quase todos os geógrafos de maior nota, tais como Mr. Delisle, Buache e La Condamine”. Os mesmos erros também apareceram no Tratado de Limites de 1750, apesar das explorações que foram capitaneadas pela Coroa em 1749, comandadas pelo Sargento Mor Luís Fagundes Machado. Para o Governador, os dados fornecidos pelo piloto dessa expedição, António Nunes de Sousa, eram completamente

¹⁶ As monções eram “expedições essencialmente fluviais, que asseguraram por todo um século as comunicações entre São Paulo e Mato Grosso.” Os comboios de canoas faziam o seguinte percurso: saíam de Ararituaguaba (Porto Feliz), no Tietê, que desciam esse rio e o Paraná e subiam o Pardo e o Anhanduí. Depois atravessavam, por terra, a zona da vacaria para atingir o Mbotetey, por onde navegavam até o Paraguai, chegando a Cuiabá. Os rios Coxim e Taquari também foram utilizados como variantes para chegar aos rios Paraguai e Cuiabá. Logo após, o *Varadouro de Camaquã* passou a ser o trajeto preferido, uma vez que encurtava o trecho não-fluvial do percurso Ararituaguaba-Cuiabá.” (ADONIAS, Isa. *Mapa: Imagens da formação territorial brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993, p.334)

¹⁷ AHU-MATO GROSSO, cx. 13, doc. 10. AHU_CU_010, Cx. 13, D. 820

¹⁸ Que foi renomeado como Forte de Bragança em 1769.

¹⁹ O que corresponderia a cerca de 1.300km.

²⁰ AHU-ACL-CU-010, CX 13, DOC 829



errados em quase todos os quesitos, especialmente em relação ao rio Madeira e suas cachoeiras. Dessa forma, concluiu-se que “a navegação pois, do verdadeiro Rio da Madeira é um objeto que resta ainda para empreender, e muito digno de observar.”²¹

Aparentemente, as medições foram feitas pelo próprio Luís Pinto, pois em nenhum momento ele citou a participação ou o auxílio de algum engenheiro ou cartógrafo; ao contrário, suas descrições demonstravam que detinha um vasto conhecimento cartográfico e segurança no manuseio de instrumentos. Inclusive, uma de suas preocupações era fornecer dados confiáveis aos seus superiores, por isso escreveu novamente para Francisco Xavier de Mendonça Furtado em 13 de Junho de 1769, apresentando atualizações e correções nos dados fornecidos inicialmente. Dessa maneira, é observado que sua participação direta na coleta dos dados fica clara, pois afirmou que revisou pessoalmente os “cálculos e assentos a respeito das latitudes” e por isso enviava as “correções juntas que se faziam indispensáveis para que a sobredita relação fosse verdadeira.”²²

De fato, realizar essa tarefa não seria algo totalmente estranho, já que, provavelmente, durante sua formação militar teve contato com as técnicas cartográficas. Portanto, é razoável pensar que Luís Pinto pode ter desenhado seus próprios mapas, especialmente durante o período em que foi Governador, pois era escassa a disponibilidade de técnicos no sertão do Brasil.

Percebemos com isso que o domínio dos rios era de importância vital para a sobrevivência da Capitania, pois desde o Tratado de Madri (1750) a pretensão portuguesa era assegurar a posse das terras colonizadas, utilizando as balizas naturais como fronteiras e o Mato Grosso; algo que representava a oportunidade de assentar os limites do Brasil, da bacia do rio da Prata à bacia amazônica. Por isso, promover expedições de exploração, de mapeamento e de observação era uma das principais preocupações do novo Governador.

Assim que chegou a Vila Bela, começou a vasculhar os papéis guardados na Secretaria de Governo, a fim de se inteirar sobre os acontecimentos pretéritos. Um dos documentos que lhe chamou a atenção era uma provisão de 14 de janeiro de 1752 que ordenava “que ninguém aja de aportar ou formar terra do sítio da primeira cachoeira do

²¹ AHU-ACL-CU-010, CX 13, DOC 829.

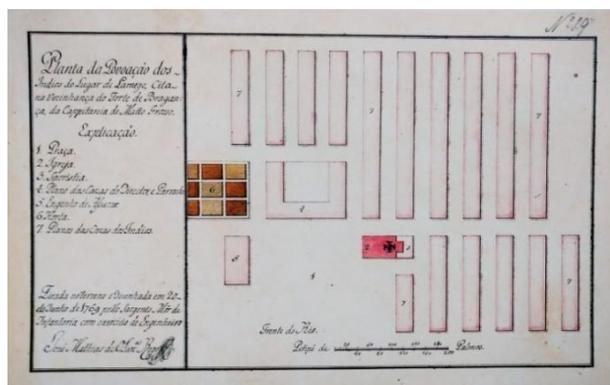
²² AHU-ACL-CU010, CX14, DOC848



rio Madeira em diante até as minas de Mato Grosso pela parte ocidental do mesmo rio, por ser aquela margem pertencente aos domínios da Majestade Católica.”²³

Com efeito, o Governador aproveitou a oportunidade para escrever ao Rei demonstrando os problemas daquela determinação, que certamente comprometeria o acesso, via bacia amazônica, à Capitania do Mato Grosso; além de ressaltar que a colonização daquela área foi, primeiramente, empreendida pelos portugueses. Assim, ao produzir tal documentação, procurava municiar o Rei com informações para resguardar a posição portuguesa no centro-oeste da América do Sul, especialmente naquele momento em que as fronteiras se encontravam indefinidas.²⁴

Ao mesmo tempo, tinha ordens “para dominar as terras deste continente com os apelidos das Cidades, Vilas e Lugares de Portugal, afim de que se reconheça positivamente e com mais facilidade o verdadeiro domínio a quem pertencem”.²⁵ Por isso, criou e modificou uma série de localidades e escolheu nomes que homenageassem locais ligados à sua história, como Lamego (...) e Leomil (nome da cidade portuguesa onde nasceu), dois destacamentos indígenas criados nos moldes do Diretório dos Índios, localizados às margens do Guaporé.²⁶



Mapa 4: REGO, José Matias de Oliveira. *Planta da Povoação dos índios do Lugar de Lamego*, cita na vizinhança do Forte de Bragança, da Capitania de Mato Grosso. 1769, 22x35cm. Cota n.19, Coleção Cartográfica da Casa da Índia (CI). (GARCIA, João C. (org.). *A mais dilatada vista do mundo: inventário da coleção cartográfica da Casa da Índia*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2002, p.195)

Nas cachoeiras do Madeira, área que considerava crítica, criou um destacamento com os índios Pomas na cachoeira do Girau, o Lugar de Balsemão, o qual tinha grandes aspirações que um dia se transformasse em uma Vila, por isso mandou o Sargento Mor

²³ AHU-MATO GROSSO, cx. 13, doc. 30. AHU_CU_010, Cx 14, D. 841

²⁴ Os limites definidos pelo Tratado de Limites de Madri, assinado em 1750, tinham sido suspensos em 1761 pelo Tratado de El Pardo.

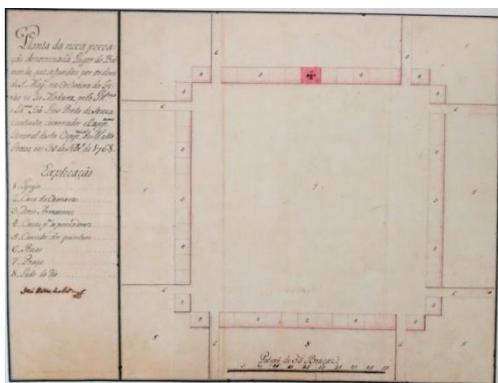
²⁵ AHU_CU_010, Cx. 14, D. 850

²⁶ Assunto muito bem discutido por CARVALHO, Francismar. *Lealdades Negociadas: povos indígenas e a expansão dos impérios ibéricos nas regiões centrais da América do Sul* (Segunda metade do Século XVIII). Tese. São Paulo: USP, 2012.



de Infantaria com exercício de Engenheiro, José Matias de Oliveira Rego, elaborar um projeto dentro dos padrões de regularidade adotados na época.

Em outras palavras, para uma povoação de pequeno porte, tomava-se como ponto de partida uma praça de grandes dimensões, fazendo partir de cada um dos seus quatro ângulos duas ruas, formando um sistema em xadrez. Neste caso, com pequenos recortes e locação de duas casas, em cada um dos vértices, à semelhança do modelo hispano-americano. Ao lado sul da praça, no lado oposto ao da igreja, previa-se uma edificação para a câmara local. As pequenas casas destinadas aos habitantes eram semelhantes às da aldeia de São Miguel, dispostas em grupos de unidades geminadas, mas neste caso com quintais aos fundos, formando grandes quadras.



Mapa 5: REGO, José Matias de Oliveira. *Planta da Povoação de Balsemão*, 1768. Anexa à carta de 30 de Novembro 1768, escrita para Francisco Xavier de Mendonça Furtado. AHU_CU_010, Cx. 13, D. 820 (ADONIAS, Isa. *Mapa: Imagens da formação territorial brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993, p.88)

A cachoeira do Salto também recebeu um projeto de destacamento, pensado justamente para dar suporte à povoação de Balsemão.²⁷ Além da importância política, como marcos da presença portuguesa no Madeira, as povoações tinham objetivos militares de auxiliar no pouso e abastecimento do Forte de Bragança e econômicos, de apoio às monções, comandadas pelos homens de negócios da Companhia de Comércio do Grão Pará.

Todavia, ciente de que militarmente era importante não depender de um único caminho,²⁸ no caso o caminho fluvial do Guaporé, Luís Pinto organizou uma expedição em Fevereiro de 1769 ao Forte de Bragança, isto com o intuito de descobrir e construir um caminho por terra que o ligasse a capital Vila Bela. Além disso, a viagem também deveria “persuadir os índios a descerem às povoações, aniquilar quilombos, e pesquisar

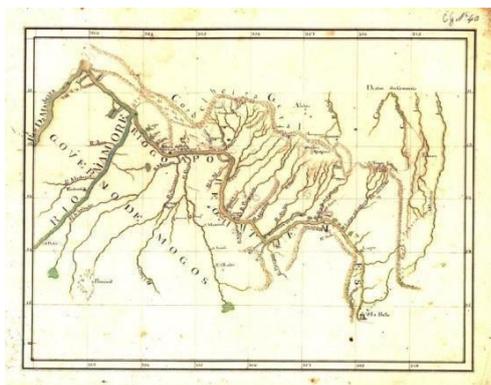
²⁷ AHU-MATO GROSSO, cx. 13, doc. 41. AHU_CU_010, Cx. 14, D. 852

²⁸ AHU-ACL-CU-010, CX 13, DOC 838



minas de ouro e sal.”²⁹ Nesse sentido, o trabalho ficou a cargo do sertanista João Leme do Prado, que se gabava da sua escolha por ser uma “pessoa com conhecimento do sertão, experiência da guerra do mesmo gentio, e outras qualidades essenciais”,³⁰ por isso imprescindível aos negócios da Coroa.

O trajeto pode ser visto no mapa *Bacia do Rio Guaporé*, aparentemente feito sob a supervisão do Governador.³¹



Mapa 6: *Bacia do Rio Guaporé*. Vila Bela, c. 1772, 39 x 50 cm. (GARCIA, João C. (org.). *A mais dilatada vista do mundo*, 2002, p. 407-408 e ADONIAS, Isa. *Mapa*, 1993, p.90)

O Forte era a única construção militar portuguesa que guardava o rio Guaporé e, conseqüentemente, suas ligações para a Amazônia, por isso, era fonte constante de preocupação. “Localizado na antiga missão de Santa Rosa (...) esse forte foi reequipado com canhão de maior calibre por Luís Pinto que mantinha a permanência do uso de arma de grosso calibre, assim como a força para intimidar e manter afastados os espanhóis daquela fronteira.”³²

Ademais, convém esclarecer que especialmente depois do Tratado de El Pardo (1761), os espanhóis, através da Corte da Real Audiência de Charcas, insistiam na necessidade de sua demolição, pois aquela seria uma área usurpada pelos portugueses.³³ Nesse contexto, a primeira parada de Luís Pinto como Governador foi no Forte e, conhecedor de sua função estratégica, tratou de estudar suas vantagens e problemas; por

²⁹ CARVALHO, Francismar. *Lealdades Negociadas: povos indígenas e a expansão dos impérios ibéricos nas regiões centrais da América do Sul (Segunda metade do Século XVIII)*. Tese. São Paulo: USP, 2012, p.166.

³⁰ AHU_CU_010, Cx. 15, D. 942

³¹ MORAES, Benone. *Dilatar Limites: a “ideia geral” de Luís de Albuquerque (1772-1781)*. Dissertação. Cuiabá: UFMT, 2011, p. 57-8.

³² BARROSO, Lourismar da Silva. *Real Forte Príncipe da Beira: ocupação oeste da Capitania de Mato Grosso e seu processo construtivo (1775-1783)*. Dissertação. Porto Alegre: PUCRS, 2015, p. 34.

³³ MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *Rios Guaporé e Paraguai: Primeiras Fronteiras Definitivas do Brasil*. Rio de Janeiro: Xerox, 1985, p. 108-9.



isso, assim que chegou a Vila Bela deu início a sua reforma. Porém, a edificação ficava sujeita as cheias do rio Guaporé que a danificavam constantemente.



Figura 1: OLIVEIRA, Francisco Xavier de. *Prospecto do Forte de Bragança*. Mapoteca do Arquivo Histórico do Itamaraty (MI), 1774. (ADONIAS, Isa. *Mapa*, 1993, p.89).

Em 1771, após quatro anos vivendo no sertão oeste do Brasil e sofrendo constantemente com problemas de saúde, Luís Pinto escreveu uma “Ideia Geral da situação e negócios desta Capitania”, isto com o objetivo de compilar em um documento seu conhecimento, os feitos de seu Governo e suas sugestões para o futuro. Uma de suas conclusões era que “as únicas vantagens desta Capitania consiste em adiantar a sua povoação para a parte do norte sobre os rios navegáveis, que correm ao Amazonas”.³⁴ Por isso, defendeu que o desenvolvimento e a defesa do Mato Grosso em direção a região amazônica era um objetivo essencial e estratégico, o que coadunava com as conquistas do Tratado de Madri que assegurava aos portugueses o domínio do rio Amazonas e seus principais afluentes. O grande fecho desse projeto era a viabilidade do

[...] estimo de terra, que separa as fontes dos dois Rios Aguapey e Alegre (...), o dito estimo não chegava a ter a extensão de duas léguas; por uma campina rasa de um terreno firme, e consequentemente muito proporcionadas para se poderem vazar sobre carretas quaisquer embarcações (...). Ambos os Rios oferecem uma navegação fácil, e desembaraçada por mais de seis meses do ano e consequentemente se acha estabelecida por este meio, a comunicações dos dois grandes rios Paraguai e Amazonas.³⁵

A construção de um varadouro entre os rios Aguapei e Alegre representava a consolidação do projeto de limites do Brasil da foz do Paraguai à foz do Amazonas, o que reafirmava a importância da manutenção das fronteiras do Mato Grosso, especialmente o

³⁴ AHU-ACL-CU-010, CX 15, DOC 927.

³⁵ AHU-ACL-CU-010, CX 15, DOC 922.



domínio sobre seus rios. Todavia, o Governador chamou a atenção para a imensa extensão territorial da sua Capitania e dos problemas que as longínquas distâncias acarretavam. Por isso defendeu que “os limites se acham de regular pelo estado atual das possessões”, pois

[...] nas excessivas distancias do Governo, nem pode haver boa administração da Justiça, nem deixar de fomentarem a busca o delicto, e prepotências, tão comuns nos Sertões da América: se pôr dificultosíssimo a defesa do Estado, e inútil a Povoação de que se extrai a mesma defesa quando o Povo se acha derramado, em uma vastíssimo país inculto, e distante mais de 200 léguas de sua Capital.³⁶

Acompanhando a Ideia Geral, Luís Pinto planejou enviar uma “Carta Geral da Capitania” onde as suas propostas poderiam ser visualizadas, “porém havendo as [suas] moléstias suspendido a continuação deste trabalho”³⁷, acabou não finalizando o mapa naquele momento. Todavia, o seu projeto aparentemente foi concluído a *posteriori*, pois “dizem [que a dita carta] se conserva em Lisboa.”³⁸ Depois de seguidas súplicas, finalmente transmitiu o cargo de Governador para Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres (1739-1797), em 13 de dezembro de 1772, e não tardou em organizar sua volta ao reino. A seguir, em abril de 1773, ele já estava embarcando em Belém com destino a Lisboa.³⁹

Porém, o descanso durou pouco, em 03 de novembro de 1773, Robert Walpole (1736-1810), Embaixador da Inglaterra em Lisboa, escreveu para William Nassau de Zuylestein, 4º Earl of Rochford (1717-1781), informando que o novo Embaixador português em Londres era “Chevalier Luis Pinto, ex-Governador do Mato Grosso (Brasil), quem parecia ser de um caráter muito amável e verdadeiramente bem qualificado.”⁴⁰ A notícia foi confirmada em 01 de Março 1774, quando Luís Pinto foi nomeado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de Portugal em Londres.

Os ingleses chegaram a acreditar que sua nomeação seria desfeita por causa da relação próxima que tinha com José Seabra da Silva (1732-1813), que caiu em desgraça na Corte portuguesa.⁴¹ Porém, no final de Abril de 1774, o novo Embaixador já tinha

³⁶ AHU-ACL-CU-010, CX 15, DOC 927.

³⁷ AHU-ACL-CU-010, CX 15, DOC 927.

³⁸ ADOLPHE, J.C.R Milliet de Saint. *Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo, do Império do Brazil*. J.P.Aillaud, 1845, p.67.

³⁹ AHU_ACL_CU_013, Cx70, D.5988.

⁴⁰ (TNA) The National Archives, Kew. Folio 160, SP 89/75/61.

⁴¹ TNA. Folio 63. SP 89/76/28.



despachado para Londres seu Secretário com grande parte de sua bagagem.⁴² Adiante, em Maio, desembarcou em Falmouth com o restante de seus pertences e sua esposa, D. Catarina Micaela de Sousa César de Lencastre (1749-1824), que poucos dias depois deu a luz ao primogênito da família.⁴³

Assim que se estabeleceu na Legação de Portugal em Londres, Luís Pinto deu início ao seu trabalho diplomático, que tinha como uma das problemáticas centrais a negociação de um novo tratado de limites para as possessões ultramarinas, portuguesa e espanhola. Por isso, começou a participar de reuniões com diversas autoridades britânicas a fim de conquistar sua simpatia para a causa lusitana. Inclusive foi ousado em seus primeiros movimentos ao entregar para Henry Howard, 12º Earl of Suffolk (1739-1779), na época Secretário de Estado do Departamento Norte, um “memorial extraordinário”⁴⁴ com sugestões sobre as diretrizes diplomáticas que o Embaixador britânico em Madri deveria seguir sobre a questão das fronteiras na América do Sul.⁴⁵ Com efeito, o Earl of Rochford e Walpole ficaram perplexos com a audácia de Luís Pinto e logo procuraram o Marquês de Pombal (1699-1782) para deixar claro que ao rei George III (1738-1820) “não deve ser ditado, nem dito a linha de conduta que deve manter, mas que está firmemente decidido a defender a aliança anglo-portuguesa.”⁴⁶

Em pouco tempo Luís Pinto se familiarizou com o ambiente diplomático, “com todo o jogo de aparências, de tergiversações e ambiguidades”⁴⁷ e adquiriu respeito e notoriedade nos círculos políticos e culturais ingleses. Era um entusiasta das ciências e da literatura e se transformou em um ávido colecionador de livros e mapas, o que não só supria sua curiosidade, como também tinha importante função no desempenho de seu trabalho político e diplomático.⁴⁸

⁴² TNA. Folio 71. SP 89/76/32.

⁴³ TNA. Folio 78. SP 89/76/35. O primeiro filho do casal foi Luís Máximo Alfredo Pinto de Sousa Coutinho, 2º Visconde de Balsemão (1774-1832), que nasceu no dia 30 de Maio de 1774 em Falmouth.

⁴⁴ TNA. Folio 3. SP 89/79/2.

⁴⁵ TNA. Folio 120. SP 89/78/40.

⁴⁶ TNA. Folio 116. SP 89/78/39.

⁴⁷ VENTURA, Antonio. “«Deus Guarde V. Exª Muitos Anos». Manuel Godoy e Luís Pinto de Sousa (1796-1798)”, *Revista de Estudios Extremeños*, 57 (3): 963-1116. 2001, p.965.

⁴⁸ Em Portugal, “o número de coleções de mapas aumentou significativamente depois do Tratado de El Pardo (1761), que anulou o Tratado de Madri (1750), especialmente de coleções pertencentes a altos funcionários da Coroa, alguns dos quais serviram como governadores em capitânicas no Brasil. A relação entre poder colonial (militar, administrativo e econômico) e o colecionismo de mapas em Portugal e no Brasil foi claramente fundada nas coleções de Luís Antonio de Sousa Botelho Mourão, 4º morgado de Mateus e governador da capitania de São Paulo (1765-75); Luís Pinto de Sousa Coutinho, visconde de Balsemão, governador de Mato Grosso (1767-1772); e Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, que também foi governador da mesma capitania (1772-89). Essas coleções são basicamente compostas por mapas manuscritos, originais ou cópias, que representam as capitânicas brasileiras governadas pelos



Entre 1774 e 1777, no decorrer das negociações antecedentes ao Tratado de Santo Ildefonso (1777), Luís Pinto recebeu inúmeros informes, memórias, explicações e demais documentos da Corte portuguesa e de seus colegas Embaixadores em Madri e em Paris, a grande maioria centrados nas questões dos limites.

Essas informações descritivas eram importantes, pois eram utilizadas na preparação de negociações e reuniões, porém somente esse tipo de documento não era o suficiente. O Embaixador também utilizava os mapas como ferramentas de trabalho, como fez em setembro de 1776, quando prometeu entregar a Thomas Thynne, 2º Visconde de Weymouth (1734-1796) “um mapa da região em disputa”⁴⁹ com a intenção de clarificar as pretensões portuguesas na América do Sul.

Para além de conquistar o beneplácito das autoridades inglesas, também coube a Luís Pinto propagandar a conquista portuguesa no ambiente literário. Sua primeira intervenção nesse sentido foi sua colaboração para a obra *The History of America* (1777), de William Robertson (1721-1793). O Embaixador português forneceu ao historiador inglês uma série de informações sobre o interior da América do Sul, especialmente descrições sobre os povos nativos,⁵⁰ um tema de intensa curiosidade entre os intelectuais europeus, que na época tinham como principal referência à obra de Don Antonio de Ulloa (1716-1795).⁵¹

coleccionadores. A única exceção é a coleção do visconde de Balsemão, sob a guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que contém vários importantes mapas impressos e atlas da Europa e da América do Norte, assim como mapas do norte, sul e oeste do Brasil. O coração da coleção do visconde de Balsemão deriva das suas posições como embaixador de Portugal em Londres e ministro dos negócios estrangeiros, além do importante papel que desempenhou na preparação da nova fronteira do tratado com a Espanha em 1777.” (GARCIA, J. C.; ALMEIDA, A. F. de. Map Collecting in Portugal. In: EDNEY, M. e PEDLEY, M.S (Org). *The History of Cartography*. Volume 4: Cartography in the European Enlightenment. Chicago and London: University of Chicago Press. 2020. p.773)

⁴⁹ TNA. Folio 43. SP 89/83/15.

⁵⁰ No prefácio Robertson diz que “From other quarters I have received information of great utility and importance. M. le Chevalier de le Pinto, the minister from Portugal to the court of Great Britain, who commanded for several years at Matogrosso, a settlement of the Portugueses in the interior part of Brazil, where the Indians are numerous, and their original manners little altered by intercourse with Europeans, was pleased to send me very full answers to some queries concerning the character and institutions of the natives of America, which his polite reception of an application made to him in my name, encouraged me to propose. These satisfied me, that he had contemplated with discerning attention the curious objects which his situation presented to his view, and I have often followed him as one of my best instructed guides.” (1777, p.13) Outras citações aparecem nas referências finais: “M. le Chevalier Pinto, Who resided several years in a part of America which Ulloa never visited, gives a sketch of the general aspect of the Indians there (...).” (ROBERTSON, William. *The History of America*. Vol.I. Messrs. Whitestone. Dublin 1777. Harvard University, p.460). “M. le Chevalier de Pinto observes, that in the interior parts of Brazil, he had been informed that some persons resembling the White people of Darien have been found (...).” (ROBERTSON, William. *The History of America*, 1777, p.462).

⁵¹ *A Voyage to South America* publicada em 1758.



O livro de Robertson tornou-se o assunto principal dos encontros literários em Londres, e as novas informações disponibilizadas por Luis Pinto aguçaram a curiosidade de Abbé Raynal (1713-1796), que preparava uma nova edição de *Histoire des deux Indes* (1780) e, em visita a capital inglesa, conseguiu encontrar pessoalmente com o Embaixador. A polidez e o conhecimento de Luis Pinto impressionaram Raynal que o qualificou como “um dos homens mais ilustrados que já viveu no Brasil.”⁵²

Com o questionário entregue por Raynal em mãos, Luis Pinto escreveu para os seus superiores a fim de ter permissão para mais uma colaboração. Dessa maneira, em maio de 1778, o Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, Aires de Sá e Melo de Menezes e Sottomayor (1715-1786) não só autorizou como ainda norteou as diretrizes que Luis Pinto deveria seguir para assegurar que Portugal e suas conquistas fossem vistas de forma favorável na obra francesa.⁵³

Como resposta, o Embaixador português produziu dois documentos que demonstraram sua erudição e conhecimento sobre a História do Brasil e das suas fronteiras.⁵⁴ Curiosamente ao final das memórias que escreveu “sobre as disputas entre as coroas da Espanha e Portugal, relacionadas as suas possessões na América do Sul, de acordo com os tempos e os Tratados”, anunciou que tinha o seu próprio projeto, isto é:

[...] seria fazer outro Tratado de Limites com a Espanha e dar de Napo toda a borda norte da Amazônia, com a ilha de Caviana e a costa sul da Amazônia. Ainda daria todo o País que se estende de Javary ao rio Madeira, que esta coroa queira ceder a Portugal do Prata e do Paraguai, e que a navegação não comece nas duas Nações, ainda darei a Macau para facilitar o comércio nas Filipinas.⁵⁵

As ousadas aspirações territoriais de Luis Pinto tinham como objetivo diminuir as possessões portuguesas na Amazônia em troca do aumento das terras nas regiões do Mato

⁵² FURTADO, Junia F. e MONTEIRO, Nuno G. Raynal and the defence of the Portuguese colonization of Brazil: diplomacy and the Memoirs of the Visconde de Balsemão. *Análise Social*, liv (1.º), 2019 (n.º 230), pp. 4-33, p.10-11.

⁵³ FURTADO, Junia F. e MONTEIRO, Nuno G. *Raynal and the defence of the Portuguese colonization of Brazil*, p.11.

⁵⁴ Os documentos estão na Biblioteca da Ajuda (BA) e foram gentilmente cedidos para essa pesquisa pela Profª Drª Junia Ferreira Furtado, a quem agradecemos. *Extrait des Notes fournies à Mr. L'Abbé Raynal par S. Excell.º Mr. Le Visconte de Balsemão sur les Colonies Portugaises, avec ses observations critiques sur l'histoire Philosophique des deux Indes*. BA.54-XI-26(7). 1778 e *Memoires de son Excellence Mº Louis Pinto de Souza Coutinho, Visconte de Balsemão, Sur les contestations entre les Couronnes d'Espagne et de Portugal, relatives à ses possessions dans l'Amérique Meridionale, selon les epoques et les traits*. BA. 54-XI-27 (11). 1778.

⁵⁵ BA. 54-XI-27 (11). 1778.



Grosso e do rio da Prata. Certamente, acreditava-se que essa permuta seria interessante porque essa região do Amazonas era extremamente distante dos grandes centros coloniais do norte e praticamente desconhecida e por isso, era uma aposta muito arriscada da Coroa permanecer com essa área, enquanto a região dos rios Paraguai e da Prata era densamente povoada e já possuía uma rota comercial estabelecida. A mesma lógica que aplicou quando reivindicou a diminuição do território da Capitania do Mato Grosso em sua Ideia Geral.

Um dos motivos que levaram à assinatura do Tratado de El Pardo, que anulou as determinações do Tratado de Madri, foi a disputa sobre as terras do sul, na foz do rio da Prata. Nesse contexto, convém observar que o Marquês de Pombal era um ávido crítico da perda da Colônia do Sacramento e durante as negociações para um novo tratado de limites tentou até o último momento alargar a linha meridional portuguesa. Porém, com as infrutíferas negociações, Pombal foi categórico com Luis Pinto, em Março de 1776, ao afirmar que “para evitar uma guerra com a Espanha, Portugal estava pronto para reverter os termos do Tratado abortado de 1750.”⁵⁶

Quando Luis Pinto escreveu as memórias para Raynal o novo tratado de limites de Santo Ildefonso, esclarece-se que ele já tinha sido assinado e as fronteiras do Brasil basicamente voltaram ao traçado de 1750, por isso citou o mapa de Jean-Baptiste Bourguignon d’Anville (1697-1782) como referência.⁵⁷

Como salientou Benone Moraes, “nas negociações de Santo Ildefonso, não foram considerados os vinte e sete anos de expansão territorial empreendida pelos administradores que, entre 1751 e 1777, estiveram à frente da Capitania de Mato Grosso, agindo no sentido de ampliar e garantir uma dilatação de território fronteiriço.”⁵⁸ Apesar de ter sido um grande conhecedor desse território, mesmo distante, Luis Pinto continuou

⁵⁶ TNA. Folio 183. SP 89/81/55.

⁵⁷ O mapa é a *Carte de l’Amérique Méridionale*, da qual Balsemão tinha duas cópias, uma francesa de 1748, BPMP. C-M&A-P.25(58), (GARCIA, João C. (Coord.). *Cartografia do Brasil na Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto e Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011, p.44-5) e outra inglesa de 1772, BPMP. C-M&A-P.25(11), (GARCIA, João C. (Coord.). *Cartografia do Brasil na Biblioteca Pública Municipal do Porto*, 2011, p.46-7). Nos dois impressos Garcia aponta que existem correções manuscritas em português e inglês, principalmente na margem de determinados rios como São Francisco, Orinoco, Madeira, Mamoré, Guaporé e Tapajós. A construção e os usos desse mapa para as negociações do Tratado de Madri foram densamente estudadas pela Prof^a Dr^a Junia Ferreira Furtado (FURTADO, Junia F. *Oráculos da geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean Baptista Bourguignon d’Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2012b e FURTADO, Junia F. *O mapa de inventou o Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro: Odebrecht/Versal, 2013)

⁵⁸ MORAES, Benone. *Dilatar Limites: a “ideia geral” de Luís de Albuquerque (1772-1781)*. Dissertação. Cuiabá: UFMT, 2011, p.17.



recebendo informações e mapas do Mato Grosso,⁵⁹ todavia não conseguiu interferir nos artigos do tratado referentes ao centro-oeste ou a Amazônia.

Nesse mesmo período, entre 1774 e 1778, eclodiu a primeira fase da Guerra de Independência Americana (1775-1783), que foi marcada pelos conflitos territoriais e pela Declaração de Independência dos Estados Unidos da América (1776). Luis Pinto acompanhou o desenrolar desses embates através das reuniões diplomáticas, das histórias publicadas nas Gazetas, dos encontros nos círculos literário e científico e dos mapas.

Foi nesse mesmo período que “um jovem industrioso, Faden tirou vantagem da Guerra de Independência Americana para produzir uma enorme quantidade de mapas (...). Seu catálogo de 1778 lista não menos do que vinte planos militares publicados, em menos de três anos, 1776-1778.”⁶⁰ Assim, William Faden (1749-1836), editor, gravador e geógrafo ganhou notoriedade com a qualidade dos mapas que publicou sobre o conflito americano e em pouco tempo passou a dominar o concorrido mercado de impressão de mapas. O primeiro encontro entre Luis Pinto e Faden pode ter acontecido nessa época, pois o Embaixador português tinha grande estima pelos mapas como instrumentos do saber e certamente se interessou pelas peças originais que a casa de edição de Faden publicou.

Ademais, é válido revelar que em pouco tempo o editor inglês expandiu seu portfólio e passou a publicar mapas de outras partes das Américas. Em 1783, junto com seu principal colaborador, La Rochette lançou um mapa sobre a costa da Guiana, desde o rio Orinoco até o Amazonas, baseado, principalmente, nas observações do Capitão Edward Thompson (1738-1786). Dois exemplares desse trabalho foram adquiridos por Luis Pinto.⁶¹

⁵⁹ Na Coleção Cartográfica do Visconde de Balsemão, sob a guarda da Biblioteca Pública Municipal do Porto, existem várias cópias de mapas do Mato Grosso feitos durante o governo de Luís de Albuquerque (1772-1789), o que sugere que Luís Pinto mantinha intensa troca de informações com o governador. (GARCIA, J. C.; ALMEIDA, A. F. de. A América portuguesa nos manuscritos da Biblioteca Pública Municipal do Porto. In: *A TERRA de Vera Cruz*, Viagens, descrições e mapas do séc. XVIII. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 2000, p. 9-62)

⁶⁰ PEDLEY, Mary Sponberg. Selected papers from the 16th international conference on the history of cartography: Maps, war, and commerce: Business correspondence with the London map Firm of Thomas Jefferys and William Faden. *Imago Mundi*, 48:1, 1996, 161-173, p.162.

⁶¹ Duas cópias desse mapa constam na Coleção Cartográfica do Visconde de Balsemão na Biblioteca Pública Municipal do Porto. BPMP C-M&A-P.17(46) e C-M&A-P.25(43).





Mapa 7: LA ROCHETTE, L.S.D. de. *The coast of Guyana from the Oroonoko to the river of Amazons and the inland parts as far as they have been explored by the French & Dutch engineers with the islands of Barbadoes, Tobago &ca.* From the observations of captains Edward Thompson made in the Hyaena, in the year 1781, when he commanded in the rivers Berbice, Essequibo and Demerari, and governed those colonies after their conquest from the Dutch. London: engraved & published by William Faden, Oct.6th, 1783. BPMP.

Em meados de 1786, Thomas Jefferson (1743-1826) contactou Faden solicitando que fizesse uma cópia do *Mapa Geografico de America Meridional (1775)*, de Juan de la Cruz Cano y Olmedilla (1734-1790). À época era o mais detalhado mapa da América do Sul, porém sua circulação foi restringida pela Coroa espanhola que mandou recolher os exemplares que já tinham sido impressos e proibiu novas publicações. Aparentemente, Luis Pinto não conhecia esse mapa, pois em suas *Considerações sobre o Tratado de Limites das Conquistas* [entre 1776 Ago.29 e 1777 Out.1] não fez qualquer referência a ele, mas mostrou conhecer a *Disertación histórica y geográfica sobre el meridiano de demarcación entre los domínios de España y Portugal*, de Jorge Juan e Antonio de Ulloa.⁶² A versão inglesa foi finalmente publicada em 1799.

⁶² GARCIA, J. C.; ALMEIDA, A. F. de. *A América portuguesa nos manuscritos da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, p.27-30, p.17-18.





Mapa 8: *Mapa Geográfico de America Meridional, Dispuesto y Gravado por D. Juan de la Cruz Cano y Olmedilla, Geogfo. Pensdo. de S.M. Individuo de la Rl. Academia de Sn Fernando, y da la Sociedad Bascongada de los Amigos del Pais; teniendo presentes Varios Mapas y noticias originales con arreglo a Observaciones astronomicas, Ano de 1775. Londres, Publicaddo por Guillermo Faden, Geografo del Rey, y del Principo de Gales, Enero 1. de 1799.* (DRMC) David Rumsey Map Center.

Da mesma forma que Luis Pinto trabalhou para divulgar a conquista portuguesa na literatura, é razoável pensar que despendeu o mesmo esforço na divulgação cartográfica. Durante as negociações do Tratado de Madri os diplomatas portugueses também se preocuparam em fomentar a produção de mapas que corroborassem a sua visão dos limites das Américas portuguesa e espanhola.

Diante de tal cenário, Alexandre de Gusmão (1695-1753) foi o responsável por coordenar a produção do chamado Mapa das Cortes,⁶³ enquanto Dom Luís da Cunha (1662-1749) capitaneou a produção de *Amérique Meridionale* de D'Anville.⁶⁴ Aparentemente, o Tratado de Santo Ildefonso não recebeu a mesma atenção cartográfica, porém nos quase trinta anos que separam os dois tratados, o conhecimento sobre a América portuguesa se aprofundou consideravelmente. As expedições demarcatórias, por exemplo, tinham exacerbado os problemas dos marcos cartográficos do Tratado de Madri, e logo produzir um novo mapa do Brasil era fundamental, já que os disponíveis estavam desatualizados.

Ainda quando era Governador do Mato Grosso, Luis Pinto encomendou ao Engenheiro José Matias de Oliveira Rego um “*Mapa de uma parte da América*”

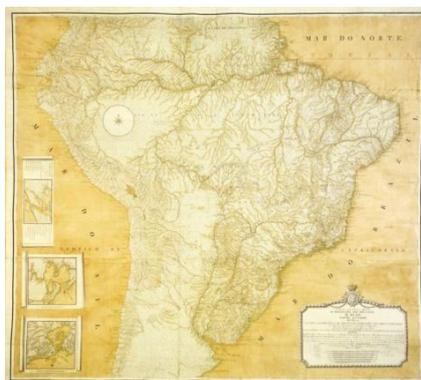
⁶³ Balsemão tinha uma cópia da versão espanhola, *Mapa de los confines del Brazil com las tierras de la corona de Esp. en la America Meridional*. BPMP. C-M&C-P.24(62).

⁶⁴ FURTADO, Junia F. *Oráculos da geografia iluminista* e FURTADO, Junia F. *O mapa de inventou o Brasil*.



Meridional, pertencente à divisão pelo público tratado de limites entre as duas Coroas de Portugal e Espanha".⁶⁵ Quando deixou ao cargo também estava coordenando a feitura de uma Carta geral da Capitania, com destaque para as fronteiras. Em Londres, adquiriu o atlas *Razão de Estado do Brasil*⁶⁶, em 1781, através de contatos que mantinha na Holanda e em 1783 uma série de obras impressas leiloadas pelo Museu Britânico.⁶⁷

De acordo com Robert Southey (1774-1843), a "Livraria do Rei" abrigava uma vasta "coleção de livros raros de Portugal, livros presenteados há muitos anos por Pinto".⁶⁸ Posteriormente quando voltou ao reino para ocupar o cargo de Ministro de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra (1788-1801), foi um dos incentivadores da conclusão da *Carta Geographica de Projecção Espherica e Ortogonal da Nova Luzitania ou América Portuguesa e Estado do Brasil*, idealizada por Luis de Albuquerque em 1789 e concluída por Antônio Pires da Silva Pontes Leme (1757-1806) em 1798.⁶⁹



Mapa 9: LEME, Antonio Pires da Silva Pontes. *Carta Geographica de Projecção Espherica e Ortogonal da Nova Luzitania ou América Portuguesa e Estado do Brasil*, 1798. 142x128. Observatório Astronômico da Universidade de Coimbra. Imagem de Claudino Romeiro. (MARTINS, Francisco José Corrêa. As várias "faces" da "Nova Lusitania", de Antonio Pires da Silva Pontes Leme. *IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica*. Porto, 9 a 12 de Novembro de 2011)

Conclusão

Indubitavelmente, o mapa *Colombia Prima* pode ser incluído na lista das várias colaborações capitaneadas por Luis Pinto. De acordo com as advertências publicadas por Faden, logo abaixo do cartucho deste mapa, o "Chevalier Pinto" lhe forneceu

⁶⁵.BPMP.C-M&A.P.19(38). MEIRELES, Maria Adelaide e CABRAL, Luís. Documentos relativos ao Brasil existentes na Biblioteca Pública Municipal do Porto. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 10, nº 1, p. 29-46, jan/jun 1997, p.36-7.

⁶⁶.BPMP. Ms.126, c.1616.

⁶⁷.COSTA, Júlio Manuel Rodrigues. Alguns livros científicos (sécs.XVI e XVII) no "Inventário" da Livraria dos Viscondes de Balsemão. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 14.1, p.131-158, 2012^a, p.140.

⁶⁸.Letter 2428: Robert Southey to Herbet Hill, 27 May 1814.

⁶⁹.GARCIA, J. C.; ALMEIDA, A. F. de. *A América portuguesa nos manuscritos da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, p.66.



[...] todos os mapas manuscritos & outros documentos geográficos sobre o territórios portugueses [na América], os quais sua excelência, quando Governador do Paraguay mandou diretamente fazer ou colecionar, contendo principalmente os seguintes: O Rio Paraguai, M.S, 1754; O Rio Paraguay e Paraná, M.S; Governo de Moxos, M.S; Capitania de las Guayas, M.S; Capitania de Minas Gerais, M.S, 1777; Colonia do Sacramento, M.S; Carta Limítrofe do País de Mato Grosso e Cuiabá, levantado pelos Oficiais da Demarcação dos Reais Domínios, o ano de 1782 o de 1790, M.S, juntamente com diversos mapas editados e observações manuscritas.⁷⁰

Portanto, o editor inglês credita ao Embaixador o fornecimento de uma série de documentos de áreas críticas do Brasil. Da região do Mato Grosso, cita um mapa feito durante o governo de Dom Antônio Rolim de Moura Tavares (1709-1782), outro sobre os dois principais rios que conectam a região com a área platina, dois mapas das províncias espanholas que eram limítrofes, além de um feito durante o governo de Luís de Albuquerque, que era o comandante da terceira partida das comissões demarcatórias do Tratado de Santo Ildefonso. Ainda citou um mapa sobre a Capitania de Minas Gerais e outro sobre a Colônia do Sacramento, a primeira era a principal região mineradora do Brasil, enquanto a segunda era o principal posto avançado português no Sul, um dos motivos de discórdia nas negociações dos tratados de limites.

Assim sendo, uma das formas de conectar os mapas citados por Faden com Luis Pinto é cotejando essas informações com o catálogo da coleção cartográfica do Visconde de Balsemão. Infelizmente esse levantamento ainda não foi finalizado,⁷¹ mas com as informações disponíveis foi possível identificar que Balsemão possuía 13 mapas sobre a região Sul do Brasil, com destaque para a Colônia do Sacramento e a Ilha de Santa Catarina.

Em *Colombia Prima*, Faden informou que utilizou mapas dessas regiões feitos por José (sic) Joaquim da Rocha, descrição compatível com o *Mapa do Continente da Colonia do Sacramento, Rio Grande de São Pedro até a Ilha de Santa Catarina*.⁷² Desse mesmo cartógrafo, Balsemão também possuía uma cópia do seu *Mapa da Capitania de*

⁷⁰ DELAROCLETTE, L. S. D'Arcy. *Colombia Prima or South America*. BN

⁷¹ “O universo de mapas inventariados inclui 72 documentos cartográficos, pertencentes ao Serviço de Reservados e Manuscritos da BPMP. Assim, não foram contemplados todos os mapas referentes ao Brasil incluídos nas obras do fundo geral da instituição, dado que não existe um catálogo temático específico nem as ilustrações existentes nas obras se encontram identificadas.” (GARCIA, João C. (Coord.). *Cartografia do Brasil na Biblioteca Pública Municipal do Porto*, 2011, p10)

⁷² BPMP. C-M&A.P.24(63).



Minas Gerais, datado de 1793.⁷³ Faden afirmou que teve acesso a primeira versão desse mapa, feita em 1777, a qual contém cartas separadas de cada comarca de Minas Gerais.



Mapa 10: Mapa do continente da Colonia do Sacramento, Rio Grande de S. Pedro até a Ilha de S. Catarina com a linha divisória da arraia ajustada com o Tratado de Limites celebrado entre as coroas de Portugal e Castela, ano de MDCC. c.1777, 67x55cm. BPMP.

Possivelmente, o mapa “Capitania de las Guayas” correspond à carta dos Territórios das Capitânicas de Mato Grosso, Goiás e S. Paulo, que mostra “parte da Capitania do Mato Grosso que compreende o Cuiabá tirado de um mapa que ela veio com navegação de S. Paulo.”⁷⁴ Missiva essa que contém várias informações sobre os gentios e expedições ao sertão replicadas em *Colombia Prima*, como exemplo, a indicação ao “Alojamento grande destruído pelo Cap. Mor da Conquista a 17 de agosto de 1753” que aparece no mapa inglês como “Great Village destroyed in August 1753”. Ressalte-se ainda, a inscrição central “Guayas”, referindo-se a Capitania de Goiás.



Mapa 11: Território das Capitânicas de Mato Grosso, Goiás e S. Paulo. c.1753, 62x76cm. BPMP.

William Faden não citou em suas advertências nenhum mapa específico sobre a região amazônica, é possível encontrar apenas citações genéricas dentro do próprio mapa.

⁷³ BPMP.C-M&A.P.24(64)

⁷⁴ BPMP. C-M&A.P25(107)



Todavia, Balsemão possuía uma vasta coleção de mapas e manuscritos sobre a região, cerca de 14 mapas, centrados principalmente no curso do Amazonas, como o clássico mapa de La Condamine,⁷⁵ e também no Cabo Norte, especialmente na divisa com as Guianas e no Rio Branco.

O projeto de limites de Balsemão, apresentado nas memórias para Raynal, definitivamente não aparece em *Colombia Prima*; todavia “não é surpreendente que, a Coroa portuguesa, que abriu os portos do Brasil para uma espécie de ‘livre comércio’ que inevitavelmente colocou os Britânicos, seu grande protetor naval, em uma vantagem sem precedentes, saiu claramente como o vencedor territorial neste mapa.”⁷⁶

Data de submissão: 17/07/2020

Data de aceite: 17/11/2020

Referências Consultadas

Documentos Cartográficos

1) Mapas de João da Costa Ferreira

FERREIRA, João da Costa. [*Carta náutica do litoral brasileiro entre as proximidades da Baía de Ilha Grande e a Ilha de Santa Catarina*]. [179-]. 1 mapa ms., desenho a nanquim, 72,5 x 56. BN Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart514906/cart514906.html.

Acesso em: 29 mai. 2020.

Trecho da Carta Corographica e Hydrographica de Toda a Costa do Mar da Capitania de S. Paulo, por João da Costa Ferreira (1789-1793). In: MUSEU Paulista. *Collectanea de Mappas da Cartographia Paulista Antiga* (Cartas de 1612 a 1837,

⁷⁵.BPMP. Ms.538, fol.135b.

⁷⁶.CASTILLO, Lina Del. *Cartography in the Production (and Silencing) of Colombian Independence History, 1807-1827*, 2017, p.121.



acompanhadas de breves comentários por Affonso D'Escragolle Taunay). São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1922. Atualmente pertencente ao acervo do Arquivo Histórico do Exército (AHEx), Rio de Janeiro

2) Mapas de José Joaquim da Rocha

ROCHA, José Joaquim da. *Mappa da Capitania de Minas Geraes / o S. M. Jozé Joq.m da Rocha o fes.* – Escala [ca 1:1 600 000]. 30 leguas [18 ao grau] = [11,3 cm]. – 1793. – 1 mapa em 3 folhas : ms., color. ; 78x71 cm, em folha de 83x77 cm. BPMP.

MAPA da capitania de Minas Geraes: com a deviza de suas comarcas. [1778?]. 1 mapa ms, col, 43 x 36,5. BN Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart249867/cart249867.jpg. Acesso em: 29 mai. 2020.

ROCHA, José Joaquim da. *Mappa da Capitania de Minas Geraes.* 1777. 1 mapa ms., desenho a nanquim col., 89,2 x 34,5. BN Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart519682/cart519682.html. Acesso em: 29 mai. 2020.

ROCHA, José Joaquim da. *Mappa da Comarca de Villa Rica.* 1779. 1 mapa ms, 41 x 80cm em f. 54 x 84cm. BN Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart1090219/cart1090219.html. Acesso em: 29 mai. 2020.

ROCHA, José Joaquim da. *Mappa da Comarca do Rio das Mortes, pertencente a Capitania das Minas Gerais: que mandou descrever o Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor D. Antonio de Noronha Governador e Cap. am General da mesma Capitania segundo as mais exactas informações.* 1777. 1 mapa ms., desenho a tinta, 50 x 59,5cm em f. 56 x 66. BN Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart530294/cart530294.html. Acesso em: 29 mai. 2020.

ROCHA, José Joaquim da. *Mappa da comarca do Sabará pertencente a capitania de Minas Geraes: esta descripção a mandou fazer o Illm. e Exmo. Senhor D. Antonio de Noronha governador, e Capitão general da mesma capitania conforme as mais certas e novas observações feitas com grōde trabalho do seu autor.* 1777. 1 mapa ms., desenho a nanquim, 63 x 48cm em f. 69,3 x 54. BN Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart530293/cart530293.html. Acesso em: 29 mai. 2020.



ROCHA, José Joaquim da. *Mostrace neste mapa o julgado das cabeceiras do rio das Velhas e a parte da Capitania de Minas Gerais*: com a devise de ambas as capitánias dado pela Capitan José Manoel. 1796. 1 mapa ms., desenho a tinta ferrogálica, 49,8 x 42,5cm em f. 52,8 x 47. BN Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart525966/cart525966.html. Acesso em: 29 mai. 2020.

3) Coleção Cartográfica dos Viscondes de Balsemão, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Portugal (BPMP).

REGO, José Matias de Oliveira, fl.1763-1769 *Mappa de huma parte da America Meridional, pertencente a devizáo pelo publico Tractado de Lemites entre as duas Coroas de Portugal e Hespanha ... / mandado desenhar novam.te pello ... Snr. Luis Pinto de Souza Coutinho ... por Jozé Mathias de Oliveira Rego, sargento môr de infantaria com exercicio de engenheiro, em o anno de 1769. – [Escala ca 1:2 600 000]. 1 grau de latitude = [4,3 cm]. – 1769. – 1 mapa : ms., color. ; 35x47 cm, em folha de 37x49 cm - C-M & A-Pasta 19 [38].*

LA ROCHETTE, L.S.D. de. *The coast of Guyana from the Oroonoko to the river of Amazons and the inland parts as far as they have been explored by the French & Dutch engineers with the islands of Barbadoes, Tobago &ca.* From the observations of captains Edward Thompson made in the Hyaena, in the year 1781, when he commanded in the rivers Berbice, Essequibo and Demerari, and governed those colonies after their conquest from the Dutch. London: engraved & published by William Faden, Oct.6th, 1783.

Mappa do continente da Colonia do Sacramento, R.o Grande de S. Pedro the a Ilha de S. Catharina com a linha divizoria da arraya ajust[ada com o] Tratado de Limites celebrad[o entre a]s corôas de Portugal, e Cas[tela] anno de M.DCC.[...]. – Escala [ca 1:1 600 000]. 1 grau de latitude = [6,85 cm]. – [Não anterior a 1777]. – 1 mapa : ms., color. ; 63x52 cm, em folha de 67x55 cm

[Territórios das Capitánias de Mato Grosso, Goiás e S. Paulo]. – [Escala ca 1:2 700 000]. Petipe de 18 legoas [17,5 ao grau] = [4,3 cm]. – [Não anterior a 1753]. – 1mapa em 2 folhas : ms., color ; 62x75 cm, em folha de 62x76cm

ANVILLE, Jean Baptiste Bourguignon d'. *Amérique Méridionale / publiée sous les auspices de Monseigneur le Duc d'Orleans ... par le Sr D'Anville ; gravé par Guill. Delahaye. – Echelle [ca 1:6 400 000]. 100 lieus françoises, de 300 pas geometriques ou 2500 toises = [7,6 cm]. – A Paris : chez l'Auteur, aux Galeries du Louvre, 1748. – 1 mapa em 3 folhas: gravura ; 124x77 cm, em folha de 129x81 cm*



ANVILLE, Jean Baptiste Bourguignon d'. *A map of South America: containing* Tierra-Firma, Guayana, New Granada, Amazonia, Brasil, Peru, Paraguay, Chaco, Tucuman, Chili and Patagonia / from M.r d'Anville with several improvements and additions, and the newest discoveries. – [Escala ca 1:7 900 000]. 120 british and french sea leagues which are the common leagues of Spain 20 in a degree = [8,3 cm]. – London: printed for Robert Sayer ... as the Act directs, 20 September 1772. – 1 mapa em 4 folhas : gravura, color. ; 102x116 cm, em folha de 105x117 cm

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. Carte du cours du Maragnon ou de la grande Riviere des Amazones dans sa partie navigable depuis Jaen de Bracamoros jusqu'a son embouchure et qui comprend la Province de Quito et la Côte de la Guiane depuis le Cap de Nord jusqu'a Essequibe / levée en 1743 et 1744 et assujettié aux observations astronomiques par M. de La Condamine ... ; augmentée du cours de la Rivière Noire et d'autres détails tirés de divers mémoires et routiers manuscrits de voyageurs modernes ; G.N.Delahaye sculpsit. – [Escala ca 1:11 000 000]. 100 lieues marines de 20 au degré = [4,95cm]. – [1775]. – 1 mapa em 1 folha dobrada : ms., color. ; 19x41 cm, em folha de 27x47 cm In: *Diario da viagem que em visita e correição das povoaçoens da Capitania de S. Jozé do Rio Negro fez nos annos de 1774 e 1775 Franc.co Xavier Rib.ro de Sampayo – 1775.* – Ms. 538, entre f. 135-136

Casa da Ínsua, Portugal. (CI)

REGO, José Matias de Oliveira. *Planta da Povoação dos índios do Lugar de Lamego*, cita na vizinhança do Forte de Bragança, da Capitania de Mato Grosso. 1769, 22x35cm. Cota n.19, Coleção Cartográfica da Casa da Ínsua (CI)

Bacia do Rio Guaporé. Vila Bela, c. 1772, 39 x 50 cm. CG40. CI

Mapoteca do Itamaraty, Brasil. (MI)

OLIVEIRA, Francisco Xavier de. *Prospecto do Forte de Bragança.* 1774. Mapoteca do Arquivo Histórico do Itamaraty (MI).

Bacia do Rio Guaporé. Vila Bela, c. 1772, 39 x 50 cm. MI

David Rumsey Map Collection. (DRMC)

Mapa Geografico de America Meridional, Dispuesto y Gravado por D. Juan de la Cruz Cano y Olmedilla, Geogfo. Pensdo. de S.M. Individuo de la Rl. Acadenia de Sn Fernando, y da la Sociedad Bascongada de los Amigos del Pais; teniendo presentes Varios Mapas y noticias originales con arreglo a Observaciones astronomicas, Ano de 1775. Londres, Publicaddo por Guillermo Faden, Geografo del Rey, y del Principo de Gales, Enero 1. de 1799. DRMC



Observatório Astronômico da Universidade de Coimbra

LEME, Antonio Pires da Silva Pontes. *Carta Geographica de Projecção Espherica e Ortogonal da Nova Luzitania ou América Portuguesa e Estado do Brasil*, 1798. 142x128. Observatório Astronômico da Universidade de Coimbra. Imagem de Claudino Romeiro.

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU)

REGO, José Matias de Oliveira. *Planta da Povoação de Balsemão*, 1768. AHU_CU_010, Cx. 13, D. 820

Biblioteca Nacional do Brasil (BN)

DELAROCLETTE, L. *Colombia Prima or South America*: in which it has been attempted to delineate the extent of our knowledge of that continent: extracted chiefly from the original manuscript maps of his excellency the late chevalier Pinto, likewise from those of João Joaquim da Rocha, João da Costa Ferreira, El Padre Francisco Manuel Sobrevida ec. and from the most authentic edited accounts of those countries. London [Londres, Inglaterra]: William Faden, 1807. 1 mapa em 8 folhas, f. 63 x85cm, dobradas em 21,5 x 16cm em caixa 22,5 x 18 cm. BN Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1434446/cart1434446.jpg. Acesso em: 29 mai. 2020.

The National Archives, Inglaterra. (TNA)

'A New Chart of COAST OF BRAZIL from the Parallel 23°40' to 26° South Latitude Containing the Capitania de San Paulo from BARRA DE SANTOS TO GUARATUBA'. Includes five insets: 1) Inset Chart of 'BARRA DE CANEA'. Scale: 2 inches to 4 nautic miles; 2) Inset Chart of 'BARRA DE SANTOS'. Scale: 3 inches to 6 nautic miles; 3) Inset Chart of 'Barra da Mar Pequeno de Iguape'. Scale: 3 inches to 6 nautic miles; 4) Inset Chart of 'Barra de Guaratuba'. Scale: 2 inches to 4 nautic miles; 5) Inset Chart 'PLAN OF BAY OF PARANAGUA'. Scale; 2.2 inches to 6 nautic miles. Main Chart and insets show coastlines, hydrography, anchorages, topography, settlements, buildings, fortifications, and remarks. Watermark: '1809', letters obscured by damage and discolouration of paper. Printed manuscript. Latitude and longitude indicated; North points with 32 point compass indicators. Scale: 5.8 inches to 12 nautic Leagues. Endorsed 'Surveyed under the direction of the late Admiral [John] Campbell. LONDON: Published by William Faden, Geographer to His Majesty and to His Royal Highness the Prince of Wales, Charing Cross, London, 1 January 1807'. Annotated in pencil: squaring lines and '2 copies'.



Annotated in red ink '2.69' on verso. 66 x 90 cm; 1807 Jan 01 - 1809 Dec 31. The National Archives, Kew.

United Kingdom Hydrographic Office Archives, Inglaterra. (UKHO)

'A New Chart of the coast of Brazil'; scale: 5.8 inches to 12 nautic leagues. Includes 5 insets: 1) untitled, Sao Paulo: Santo, with the scale: 3 inches to 6 nautic miles; 2) untitled, Sao Paulo: Iguape, with the scale: 3 inches to 6 nautic miles; 3) untitled, Paraná: Guaratuba, with the scale: 1.9 inches to 4 nautic miles; 4) Sao Paulo: Cananéia, with the scale: 1.9 inches to 4 nautic miles; 5) 'Plan of the Bay of Paranagua', with the scale: 2.4 inches to 6 nautic miles. Chart and inset show coastline, hydrography, anchorages, topography, roads, settlements, fortifications, land marks, sight lines and remarks. Printed. Watermark: 'Smith'. Latitude and longitude indicated; north points with compass indicators. Surveyed under the direction of the late Admiral Campell; published by William Faden, 1 January 1807. Stamped: 'Hydrographical Office'. Carries Becher's red 'M' classification Mark. SVY A/ C748/1 Af3. United Kingdom Hydrographic Office Archive, 64 x 82 cm

'A New Chart of the Coast of Brazil'. Scale: 5.8 inches to 12 nautic leagues. Includes 5 insets: 1) untitled, showing the 'Barra de Santos' with the scale: 3 inches to 6 nautic miles; 2) untitled, showing the 'Barra do Sol', with the scale: 3 inches to 6 nautic miles; 3) untitled, showing 'Guaratuba' with the scale: 2 inches to 4 nautic miles; 4) 'Plan of the Bay of Paranagua', with the scale: 2.2 inches to 6 nautic miles; 5) untitled, showing the 'Barra de Canea', with the scale: 2 inches to 4 nautic miles. Chart and insets show coastline, hydrography, anchorages, topography, land use, roads, settlements, fortifications, land marks, sight lines and remarks, including the mention of gold and timber and a town 'inhabited by criminals and run away Negroes, who live without controul [sic] and employed in their own plantations and in the Gold works'. Printed. Latitude and longitude indicated; north points with compass indicators. Surveyed under the direction of the Late Admiral Campbell; published by William Faden, Geographer to the King and His Royal Highness the Prince of Wales, 1 January 1807. SVY A/ B401 Gu. United Kingdom Hydrographic Office Archive,

Fontes Impressas

ADOLPHE, J.C.R Milliet de Saint. *Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo, do Império do Brazil*. J.P.Aillaud, 1845.



ROBERTSON, William. *The History of America*. Vol.I. Messrs. Whitestone. Dublin
1777. Harvard University.

Fontes Manuscritas

Arquivo Histórico Ultramarino, Portugal (AHU)

1767, Agosto, 14. DECRETO de D. José nomeando Luís Pinto de Sousa governador do Mato Grosso. Anexo: bilhete. AHU-ACL-CU-010, CX13, DOC801

1771, Maio, 1. OFÍCIO do [Governador e capitão general da capitania de Mato Grosso] Luis Pinto de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro sobre o agravamento do seu estado de saúde e dá no conhecimento da situação e negócios da capitania. Carta com 40 páginas. Anexo: 8 doc CT-AHU-ACL-CU-010, CX 15, DOC 927

1765, Fevereiro, 13, Vila Bela. CARTA do [governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso] João Pedro da Câmara Coutinho ao rei [D. José] em que relata a sua viagem desde o Grão Pará até Vila Bela, dificultada pelo transporte de oito peças de artilharia. AHU-MATO GROSSO, cx. 12, doc. 28. AHU_CU_010, Cx. 12, D. 736

1768, Novembro, 30, N. Sra. da Conceição. OFÍCIO do [governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso] Luís Pinto de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Francisco Xavier de Mendonça Furtado em que dá notícia da total expulsão dos jesuítas das três províncias de Los Moxos, S. Cruz de la Sierra e Chiquitos, e da criação de uma povoação, na terra dos Pama, com o nome de Balema. AHU-MATO GROSSO, cx. 13, doc. 10. AHU_CU_010, Cx. 13, D. 820

1769, Janeiro, 20, Vila Bela. OFÍCIO do [governador e capitão general da capitania de Mato Grosso] Luis Pinto de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Francisco Xavier de Mendonça Furtado em que envia notícia mais circunstanciada da navegação do rio Madeira e dos mais que se lhe unem, e um conhecimento das observações que fez durante a sua viagem. CT-AHU-ACL-CU-010,CX 13, DOC 829

1769, Junho, 13, Vila Bela. OFÍCIO do (governador e capitão general da capitania do Mato Grosso) Luis Pinto de Sousa Coutinho ao (secretario de estado da Marinha e Ultramar) Francisco Xavier de Mendonça Furtado em que corrige erros geográficos e astronômicos, contidos na carta de 20 de janeiro, sobre a viagem que fez pelo Madeira até chegar ao Forte de Bragança. Anexo: Correções sobre a viagem do Madeira até o Forte de Conceição. AHU-ACL-CU010, CX14, DOC848



1769, Março, 2, Vila Bela. OFÍCIO do [governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso] Luís Pinto de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Francisco Xavier de Mendonça Furtado em que contesta o teor de uma provisão de 1752, encontrada na secretaria do governo, com a qual se proíbe a ocupação de terras desde o sítio da cachoeira do rio Madeira até às minas de Mato Grosso, por serem pertencente aos domínios do rei católico. AHU-MATO GROSSO, cx. 13, doc. 30. AHU_CU_010, Cx 14, D. 841

1769, Junho, 15, Vila Bela. OFÍCIO do [governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso] Luís Pinto de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Francisco Xavier de Mendonça Furtado sobre a substituição dos nomes toponímicos pelo os de cidades, vilas e lugares de Portugal. AHU-MATO GROSSO, cx. 13, doc. 39. AHU_CU_010, Cx. 14, D. 850

1769, Junho, 18, Vila Bela. OFÍCIO do [governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso] Luís Pinto de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Francisco Xavier de Mendonça Furtado sobre o projeto de estabelecimento de uma nova povoação na cachoeira do Salto para coadjuvar o novo estabelecimento do Lugar de Balsemão. Anexo: cópia de ofício. AHU-MATO GROSSO, cx. 13, doc. 41. AHU_CU_010, Cx. 14, D. 852

1769, Fevereiro, 18. OFÍCIO do [governador e capitão general da capitania de Mato Grosso] Luis Pinto de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Francisco Xavier de Mendonça Furtado sobre os dois defeitos essenciais da Fortaleza de N. Sra. da Conceição. CT-AHU-ACL-CU-010, CX 13, DOC 838

1771, Julho, 16. CARTA do [governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso] Luís Pinto de Sousa Coutinho ao rei [D. José] com que envia requerimento de João Leme do Prado, que pede remuneração pelos serviços que prestou. AHU-MATO GROSSO, cx. 15, doc. 51. AHU_CU_010, Cx. 15, D. 942

1771, Abril, 15. OFÍCIO do [governador e capitão general da capitania de Mato Grosso] Luis Pinto de Sousa Coutinho ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro sobre a vantagem para o comércio da comunicação entre os rios Paraguai e Amazonas. CT-AHU-ACL-CU-010, CX 15, DOC 922

1773, Abril, 7. OFÍCIO do [Governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro] João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre a partida para o Reino do ex-governador da capitania do Mato Grosso, Luís Pinto de Sousa Coutinho. AHU_ACL_CU_013, Cx70, D.5988



The National Archives, Kew – Inglaterra. (TNA)

- Folio 160: R. Walpole to Earl of Rochford. 1773. Nov. 3. Lisbon. SP 89/75/61.
Folio 63: Consul J. Whitehead to Earl of Rochford. 1774. Apr. 9. Lisbon. SP 89/76/28.
Folio 71: R. Walpole to Earl of Rochford. 1774. Apr. 27. Lisbon. SP 89/76/32.
Folio 78: R. Walpole to Earl of Rochford. 1774. May. 14. Lisbon. SP 89/76/35.
Folio 3: R. Walpole to Earl of Rochford. 1775. Jan. 4. Lisbon. SP 89/79/2.
Folio 120: L. Pinto de Sousa to Lord Suffolk. 1774. Dec. 7. London. SP 89/78/40.
Folio 116: Earl of Rochford to R. Walpole. 1774. Dec.20. London. SP 89/78/39.
Folio 43: L. Pinto de Sousa to Viscount Weymouth. 1776. Sept. 9.London. SP 89/83/15.
Folio 183: R. Walpole to Viscount Weymouth. 1776. Mar. 23. Lisbon. SP 89/81/55.

Biblioteca da Ajuda, Portugal. (BA)

Extrait dès Notes fournie à Mr. L'Abbé Raynal par S. Excell.º Mr. Le Viscomte de Balsemão sur les Colonies Portugaises, avec ses observations critiques sur l'histoire Philosophique des deux Indes. BA.54-XI-26(7). 1778

Memoires de son Excellence Mº Louis Pinto de Souza Coutinho, Visconte de Balsemão, Sur les contestations entre les Couronnes d'Espagne et de Portugal, relatives à ses possessions dans l'Amerique Meridionale, selon les epoques et les traits. BA. 54-XI-27 (11). 1778.

Bibliografia

ADONIAS, Isa. **A cartografia da região amazônica**. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas da Amazônia, 1963.

ADONIAS, Isa. *Mapa: Imagens da formação territorial brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993.

ALMEIDA, André F. A viagem de José Gonçalves da Fonseca e a cartografia do Madeira. (1749-1752). **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.17. n.2, p.215-235, jul.-dez. 2009a

ALMEIDA, André F. O Mapa Geográfico de América Meridional, de Juan de La Cruz Cano y Olmedilla. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, N. Sér. v.17, n.2, p.79-89, jul.-dez., 2009b.

AMADO, Janaína e ANZAI, Leni. **Luís de Albuquerque: Viagens e governo na Capitania de Mato Grosso, 1771–1791**. São Paulo. Fundação Odebrecht, 2014.

BARROSO, Lourismar da Silva. **Real Forte Príncipe da Beira: ocupação oeste da Capitania de Mato Grosso e seu processo construtivo (1775-1783)**. Dissertação. Porto Alegre: PUCRS, 2015.



BASTOS, Carlos Augusto. **Fronteira e Impérios na Amazônia Ibérica.** *Revista de História de São Paulo*, n.173, p.519-528, jul.-dez., 2015.

BORRALHO, M. L. **“Por acaso hum viajante”:** A vida e a obra de Catarina de Lencastre, 1ª. Viscondessa de Balsemão (1749-1824), Lisboa: Imprensa Nacional. 2008

BORRALHO, Maria Luísa. **D. Catarina de Lencastre (1749-1824):** libreto para uma autora quase esquecida. Porto: Faculdade de Letras, 1999.

CAMPOS, Rafael. **Ciência e controle imperial no Mato Grosso português.** *MEMORIAS: Revista Digital de Historia y Arqueología desde el Caribe Colombiano.* Año 11, N°25. Barranquilla, enero – abril 2015.

CARVALHO, Francismar. **Lealdades Negociadas: povos indígenas e a expansão dos impérios ibéricos nas regiões centrais da América do Sul (Segunda metade do Século XVIII).** Tese. São Paulo: USP, 2012.

CARVALHO, M. L. M. M de. **A capitania de Mato Grosso durante o Governo de Luís Pinto de Sousa (1769/1772).** Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 tomos, Lisboa, 1996

CASTILLO, Lina Del. **Cartography in the Production (and Silencing) of Colombian Independence History, 1807-1827.** In: AKERMAN, James R. (Org.) *Decolonizing the Map: Cartography from Colony to Nation.* Chicago and London: The University of Chicago Press, 2017.

CASTILLO, Lina Del. **La cartografía impresa en la creación de la opinión pública en la época de Independencia.** In: MARTÍNEZ, Francisco e SILVA, Alexander (Ed.). *Disfraz y pluma de todos.* Opinión pública y cultura política, siglos XVIII y XIX. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2012, p.377-420.

COSTA, Antônio Gilberto. **Do “Roteiro de todos os sinais da costa” até a “Carta Geral”:** os mapas de síntese para o território da América portuguesa e do Brasil Império. *Revista Brasileira de Cartografia*, Rio de Janeiro, N0 67/4, Jul/Ago, 2015. p. 887-903

COSTA, Júlio Manuel Rodrigues. Alguns livros científicos (sécs.XVI e XVII) no “Inventário” da Livraria dos Viscondes de Balsemão. *Ágora.* Estudos Clássicos em Debate, 14.1, 2012a. p.131-158

COSTA, Júlio Manuel Rodrigues. **No rastro português da biblioteca científico-médica de Hans Sloane: problemas e evidências.** *Páginas a&b: arquivos e bibliotecas*, S. 2, 9 (2012b), p. 91-108.

COSTA, Maria de Fátima. **Miguel Ciera: um demarcador de limites no interior sul americano (1750-1760).** *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 17, n. 2, 2009. p. 189-214

COSTA, Maria de Fátima. **De Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico.** *Revista do IEB*, São Paulo, n.45, 2007. p.21-37



COSTA, Maria de Fátima. **História de um País Inexistente: o Pantanal Entre os Séculos.** São Paulo: Kosmos, 1999.

COUTINHO, Ana Sofia de Almeida. **Imagens de França do Século XVIII através da Coleção Cartográfica do Visconde de Balsemão.** Porto: Revista da Faculdade de Letras. História, III, vol.10, p.17-27, 2009.

EDNEY, Matthew. **Cartography: the ideal and its history.** Chicago and London: The University of Chicago Press, 2019.

FURTADO, Junia F. e MONTEIRO, Nuno G. **Raynal and the defence of the Portuguese colonization of Brazil: diplomacy and the Memoirs of the Visconde de Balsemão.** *Análise Social*, liv (1.º), 2019 (n.º 230), pp. 4-33. <https://doi.org/10.31447/as00032573.2019230.01>. Issn online 2182-2999

FURTADO, Junia F. e MONTEIRO, Nuno Gonçalo. **Os Brasis na Histoire des Deux Indes do abade Raynal/The Different Brazils in Abbé Raynal's Histoire des Deux Indes.** *Varia História*, 32 (60, p. 731-777), 2016a.

FURTADO, Junia F. **“Metamorfoses da colonização: o rio Tocantins e a expansão para o oeste em mapas e relatos (século XVIII)”.** *Tempo*, Niterói, online, vol. 22, n.40, 2016b. p. 367-399

FURTADO, Junia F. **História da Engenharia.** In: STARLING, Heloisa M. M. e GERMANO, Lígia B. P. (org.). *Engenharia: História em construção.* Belo Horizonte: UFMG, 2012a, p.21-70

FURTADO, Junia F. **Oráculos da geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean Baptista Bourguignon d'Anville na construção da cartografia do Brasil.** Belo Horizonte: UFMG, 2012b.

FURTADO, Junia F. **O mapa de inventou o Brasil.** São Paulo/Rio de Janeiro: Odebrecht/Versal, 2013.

FURTADO, Junia F. **“José Joaquim da Rocha and the Proto-Independence Movement in Colonial Brazil”.** In: BRÜCKNER, Martin. (Org.) *Early American cartographies.* Chaper Hill: University of North Carolina Press/Omohundro Institute of Early American, p.116-141, 2011a.

FURTADO, Junia F. e CINTRA, Jorge P. **“A Carte de l'Amérique Méridionale de Bourguignon D'Anville: eixo perspectivo de uma cartografia amazônica comparada”.** *Revista Brasileira de História.* [online], São Paulo, vol.31, n.62, p.273-316, 2011b. Acesso: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882011000200015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

FURTADO, Junia F. **Um cartógrafo rebelde? José Joaquim da Rocha e a cartografia de Minas Gerais.** *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.17, n.2, , 2009. p. 155-187

GARCIA, J. C.; ALMEIDA, A. F. de. Map Collecting in Portugal. In: EDNEY, M. e PEDIEY, M.S (Org). **The History of Cartography.** Volume 4: Cartography in the



European Enlightenment. Chicago and London: University of Chicago Press. 2020. p.773.

GARCIA, J. C.; ALMEIDA, A. F. de. **A América portuguesa nos manuscritos da Biblioteca Pública Municipal do Porto.** In: *A TERRA de Vera Cruz*, Viagens, descrições e mapas do séc. XVIII. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 2000, p. 9-62.

GARCIA, João C. (Coord.). **Cartografia do Brasil na Biblioteca Pública Municipal do Porto.** Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto e Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. (CD-Room)

GARCIA, João C. (org.). **A mais dilatada vista do mundo: inventário da coleção cartográfica da Casa da Ínsua.** Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2002.

MARTINS, Francisco José Corrêa. **As várias “faces” da “Nova Lusitania”, de Antonio Pires da Silva Pontes Leme. IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica.** Porto, 9 a 12 de Novembro de 2011.

MEIRELES, Maria Adelaide e CABRAL, Luís. **Documentos relativos ao Brasil existentes na Biblioteca Pública Municipal do Porto.** *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 10, nº 1, 1997. p. 29-46,

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **Rios Guaporé e Paraguai: Primeiras Fronteiras Definitivas do Brasil.** Rio de Janeiro: Xerox, 1985.

MORAES, Benone. **Dilatar Limites: a “ideia geral” de Luís de Albuquerque (1772-1781).** Dissertação. Cuiabá: UFMT, 2011.

PEDLEY, Mary Sponberg. **The commerce of cartography: making and marketing maps in the eighteenth century France and England.** Chicago: University of Chicago Press, 2005.

PEDLEY, Mary Sponberg. **Selected papers from the 16th international conference on the history of cartography: Maps, war, and commerce: Business correspondence with the London map Firm of Thomas Jefferys and William Faden.** *Imago Mundi*, 48:1, 1996, 161-173, DOI: 10.1080/03085699608592838

PERAZZOLO, Paola. **Gianluigi Goggi, L’abbé Raynal et un questionnaire sur le Portugal et sur le Brésil, Studi Francesi** [Online], 168 (LVI | III) | 2012, online dal 30 novembre 2015, consultato il 03 mai 2019. URL: <http://journals.openedition.org/studifrancesi/3740>

SILVA, J. J. da C. R. da. Luís Pinto de Sousa Coutinho: ‘an English gentleman’. In: **Ideário político de uma elite de Estado: corpo diplomático (1777/1793)**, Lisboa, Calouste Gulbenkian, p. 187-312, 2002.

SMITH, T. R. **Cruz Cano’s map of South America, Madrid, 1775: its creation, adversities and rehabilitation.** *Imago Mundi*, London, vol. 20, 1966. p. 49-78.



VENTURA, Antonio. “«Deus Guarde V. Ex^a Muitos Anos». Manuel Godoy e Luís Pinto de Sousa (1796-1798)”, *Revista de Estudios Extremeños*, 57 (3), 2001. p. 963-1116.

